

A criação de um ambiente favorável à educação: o Prólogo do Livro da Ordem de Cavalaria, de Raimundo Lúlio

Resumo

Esta pesquisa tem por objetivo apresentar o Prólogo do Livro da Ordem de Cavalaria (1279 – 1283), de Raimundo Lúlio (1232 – 1316), como uma introdução que cria um ambiente favorável à educação do cavaleiro medieval. Consideramos que, além de preparar o leitor para a importância de uma teoria sobre a cavalaria, a narrativa proposta por Lúlio busca justificar a importância do desenvolvimento de um manual de educação do cavaleiro medieval. A partir do referencial teórico da História Social, ao apresentar a obra de Lúlio como educativa e buscando a revalorização do ideal de cruzada e das virtudes, ressaltamos as transformações pela qual a sociedade passou no século XIII. A introdução do livro difere-se das demais partes, uma vez que narra o encontro de um velho cavaleiro ermitão com um jovem aspirante à cavalaria no qual é entregue pelo velho um livro sobre o ofício de cavaleiro. Lúlio faz uso da intertextualidade, uma vez que o livro sobre o qual falava é o próprio Livro da Ordem de Cavalaria, que segue pelos sete capítulos seguintes apresentando elementos teóricos sobre a cavalaria medieval. Concluímos que, por meio desta estratégia, Lúlio cria um ambiente favorável à educação.

Palavras-chave: Educação, Raimundo Lúlio, Cavalaria

Paula Carolina Teixeira Marroni
Universidade Estadual de Maringá
paulamarroni@gmail.com

Introdução

Para apresentar o *Prólogo do Livro da Ordem de Cavalaria*¹(LÚLIO, 1272 – 1283) como uma introdução que prepara o ambiente para justificar um momento de aprendizado, tomamos como referencial teórico a História Social. Para isso, definimos o recorte temporal do século XIII e, nesse sentido, o contexto da época é relevante para a compreensão da obra em questão. Nesse período, segundo Oliveira (2007), a religião cristã passava por um processo de questionamentos por parte da sociedade em relação à sua estrutura. O renascimento das cidades, a intensificação do comércio, as navegações, entre outros acontecimentos, auxiliaram para que, no século XIII, novas relações se apresentassem na sociedade.

Neste contexto, “[...] as relações humanas criam novos valores, imbuídos do novo espírito propiciado pelo ambiente citadino [...]” (OLIVEIRA, 2007, p.4), gerados, em grande parte, pelas novas relações de trabalho, trocas comerciais, presença de intelectuais, a busca por novas técnicas científicas e artesanais para os ofícios, o renascimento das cidades, entre outros. Esse momento nos permite, pois perceber que as obras literárias buscavam, em geral, revitalizar elementos cristãos, uma vez que a fé e a busca pela salvação não possuíam mais o mesmo significado para aquela sociedade. Os homens daquela época já não careciam das mesmas instituições, a exemplo da Cavalaria Cristã. Entre outras transformações, observamos o crescimento do cientificismo, da busca pelas teorias, de novas técnicas para os ofícios, das Universidades. Um desses ofícios, a Cavalaria Cristã, também teve seu expoente – Ramon Llull (1232 – 1315), ou Raimundo Lúlio.

A maioria das informações que se tem de Lúlio é retirada da obra *Vida Coetanea*. Esta obra data de 1311 e foi escrita pelos monges da Ordem Cartuxa de Valverde, ditada, julga-se pelo próprio Raimundo Lúlio. Para Reboiras (1987), independentemente de o discurso refletir normas cultas do latim, o que não se repete em outras obras de Lúlio,

¹ LÚLIO, Raimundo. **O livro da Ordem de Cavalaria**. 1272 – 1283. Trad. Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2000. A obra usada para este texto refere-se à tradução brasileira do Livro da Ordem de Cavalaria, realizada em 2000 por Ricardo da Costa, em edição bilíngue (catalão arcaico e português brasileiro), sob supervisão do Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio e por este motivo, as citações do Livro da Ordem de Cavalaria serão aqui consideradas com a data da tradução, bem como a página da edição brasileira.

fato que poderia tornar questionável a autoria da obra, detalhes de sua vida são descritos de forma que o texto somente poderia ter sido ditado e encomendado pelo próprio Lúlio a um monge, cinco anos antes de sua morte. Reboiras (1987) ainda aponta que Lúlio, ao escrever esta obra, demonstra justificar suas ações como parte de um projeto de vida missionária. A obra é comumente utilizada como fonte a respeito de detalhes da vida de Raimundo Lúlio após sua conversão.

Segundo narra em *Vida Coetânea*, sua conversão deu-se aos 32 anos, após receber cinco visões de Cristo crucificado quando escrevia canções em língua vulgar para uma amante. A partir daí, Raimundo Lúlio seguiu sua vida como monge e missionário e como um pensador da sua época. Escreveu mais de 240 obras sobre diferentes temas, mas todos permeados pela importância da fé católica, a compreensão das dignidades oferecidas aos homens. Escreveu sobre como ensinar a doutrina cristã para crianças, da educação da nobreza e do cavaleiro. Lúlio tratou da explicação da ciência por meio de um sistema de conhecimento que chamou de *Arte*, e que buscava sistematizar todos os conhecimentos adquiridos até então. Escreveu obras que seguiam o modelo de manual, de romance, de exempla e compêndios, entre outros modelos de escrita.

Nasceu em Mallorca, ou Maiorca, em Palma, na Espanha. Segundo Souza (2010), Lúlio era proprietário de terras e próximo à nobreza, o que justificaria sua educação para consagrar-se cavaleiro ou *Miles Christi*. Apesar da educação cavaleiresca propriamente dita não ser um consenso entre os Lulianos, sua criação dentro do ambiente da corte do rei Jaime I de Maiorca evidencia a possibilidade de Lúlio ter conhecido elementos determinantes no processo de formação do cavaleiro.

Para além da cavalaria, Eco (2001) afirma que o contexto da vida de Lúlio em Maiorca reflete um conhecimento cultural a respeito dos cristãos, judeus e muçulmanos, pois a cidade expressava a permanência e cultivo destas três culturas. Apesar de pertencer a uma família Cristã, segundo Costa (2000), Lúlio relacionava-se com judeus e possuía preceptores árabes. Por conseguinte, Raimundo Lúlio era fluente em catalão, sua língua materna, latim e árabe. Daí decorre a facilidade de comunicação com os muçulmanos, bem como a importância de Lúlio na época das cruzadas e a tentativa de levar a palavra do deus cristão ao islã. Lúlio afirmava que, para poder argumentar sobre a

superioridade da fé cristã, era necessário a comunicação na língua original do infiel, nesse caso o muçulmano. Para isso, após sua conversão, dedicou-se por nove anos ao estudo da língua árabe.

O Livro da Ordem de Cavalaria

A obra de Lúlio, para Zierer (2008), além de pedagógica, configura-se como catequética. Buscava a conversão do islã e o fortalecimento da fé cristã. Na primeira fase de sua obra, Lúlio era pacifista, buscando a evangelização dos infiéis, por meio do amor e do diálogo. O *Livro da Ordem de Cavalaria* faz parte dessa fase. Cabe ressaltar que, segundo Costa (1997), no fim de sua vida, Lúlio aceitou a luta armada contra o infiel como uma forma de impor o diálogo cristão. Na obra em questão, ou seja, na primeira fase, ou fase pacifista, observamos a tentativa de Raimundo Lúlio para revalorizar o ideal de cruzada, nos moldes missionários. Sabemos que a cruzada guerreira já não era praticada no fim do século XIII como nos séculos XI e XII. Ela havia sido, segundo Rousset (1980), substituída pela cruzada pacífica:

Por outra parte, o desenvolvimento das missões veio pouco a pouco e entre os melhores substituir a Cruzada; [já] vimos [...] o início dos esforços missionários das Ordens mendicantes. Graças ao catalão Raimundo Lúlio, em especial, fixaram-se princípios, elaboraram-se métodos, em suma, esboçou-se uma doutrina missiológica que devia, no pensamento desse teólogo, substituir a Cruzada (ROUSSET, 1980, p.272).

No bojo do ideal de cruzada, o cavaleiro medieval, enquanto responsável pela conversão dos infiéis, pela defesa da fé cristã, precisava comportar-se de maneira adequada ao seu posto, uma vez que era um ícone na sociedade. Este ícone, para Lúlio, devia pautar-se em virtudes, em amor e temor a Deus. Desta forma, percebe-se na obra a intenção de Lúlio em mostrar aos cavaleiros e à sociedade quão importante é ser nobre, possuir princípios, valores, principalmente se quando se pertence a um grupo na sociedade que está em evidência e inspira outros modelos.

Para Lúlio, o cavaleiro possuía as virtudes porque teria sido ungido por Deus para levar sua palavra e defender a fé. Verificamos, nesse contexto, também, a tentativa de

transmissão de conceitos de virtudes como justiça, sabedoria, caridade, lealdade, verdade, humildade, fortaleza e esperança. Todas elas deveriam ser precedidas da mais importante, que era amar e temer a Deus.

Zierer (2008) enfatiza o *Livro da Ordem de Cavalaria* como manual de Educação do cavaleiro, da nobreza e auxílio para o ordenamento social e sua conseqüente salvação. Além de demonstrar o código de conduta, buscava-se a valorização do cavaleiro em relação à sociedade e à importância de levar a palavra de Deus, lutando por ela. A adoção de preceitos cristãos no cotidiano e na vida dos personagens influentes para o período é apresentada com clareza nesta obra, escrita por um monge. Sua obra baseou-se em sua própria experiência, reflexão e nos ideais que pretendia expor, e no ideal de sociedade e de fé cristã que buscava.

Durante a obra, evidencia-se a ideia de virtude como elemento importante na educação, pois o portador de virtude se tornaria uma pessoa melhor moralmente, merecedor de admiração, cuja inteligência poderia se elevar a Deus. Entretanto, para que essa virtude fizesse parte da ação do cavaleiro era necessário que este compreendesse a importância desses valores para exercer sua função.

É nesse sentido que este trabalho destaca a importância da introdução, ou o *Prólogo do Livro da Ordem de Cavalaria*. Cogitamos que este prólogo prepara o leitor para a importância de uma teoria sobre a cavalaria, criando um ambiente que justifica a educação do cavaleiro medieval.

O Prólogo do Livro da Ordem de Cavalaria: a criação do ambiente favorável à educação

O *Livro da Ordem de Cavalaria* possui sete capítulos escritos com uma linguagem direta que lembra um manual. O conjunto destes capítulos expõe quais são as origens do cavaleiro, suas funções, o processo pelo qual o escudeiro se torna cavaleiro, descreve a cerimônia de adubamento², a honra que deve ser prestada ao cavaleiro, os costumes que pertencem ao cavaleiro e o significado das armas do cavaleiro medieval.

² Nome dado à cerimônia pela qual o escudeiro recebe a ordem de cavalaria, em geral com a participação de

Enquanto nos sete capítulos que compõem a obra, a linguagem se dá de forma a apresentar os motivos pelos quais a cavalaria existe, seus ofícios, armas, rituais, o *Prólogo* é uma narrativa. Considerando a diferença da linguagem existente entre esse momento da obra e os demais capítulos, este trabalho considera importante destacá-lo:

A forma literária da obra se reduz praticamente ao *Prólogo* e à aplicação alegórica na quinta parte do tratado: o restante é dedicado à argumentação dialética com um discurso alegórico didático-moral — para Llull, ciência escrita em livros —, se estabelecendo então um claro contraste entre as partes (SOLER I LLOPART, 1989, p.21).

O *Prólogo* se inicia com uma oração de graças à Deus e oferenda do livro à Ele. É importante ressaltar esse início, pois Lúlio destaca a importância da relação entre a Cavalaria e a Igreja, uma vez que a ciência da cavalaria estava oferecida à Ele. Para Costa (2001, p. 16), “A Igreja deve cercar a cavalaria com seus ideais para que não se perca nos pecados mundanos”. Lúlio afirma inclusive a necessidade da amizade entre clérigos e cavaleiros. Ressaltamos que, nesta época, era constante a tentativa de conter a pulsão agressiva dos cavaleiros, sacramentando suas ações por meio de juramentos, promessas de paz, gestos pelos quais as armas eram entregues nas cerimônias.

Após a ação de graças, o prólogo apresenta a divisão do livro – sete capítulos, pois são sete os astros que governam os seres vivos. Os sete astros não são definidos por Lúlio. Entretanto, acredita-se que sigam a definição Ptolomaica (90 – 168 d. C) que vigorou até o século VII, para quem os sete astros são Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, Lua e Sol. Segundo Lúlio, assim como os astros regem o firmamento, os cavaleiros têm honra e senhorio sobre o povo para também ordenar e defender. As sete partes são especificamente: o começo da cavalaria, o ofício da cavalaria, o exame que deve ser feito ao escudeiro com intenção de entrar na cavalaria, a maneira que o cavaleiro deve se armar, o significado das armas do cavaleiro, os costumes que pertencem ao cavaleiro e a honra que deve ser feita ao cavaleiro. Em seguida, Lúlio inicia a narrativa.

O primeiro personagem é um velho cavaleiro, que estava para morrer e gostava de refletir sobre seu passado e a situação decadente em que a cavalaria medieval se

cavaleiros mais experientes e religiosos (FLORI, 2005).

encontrava no século XIII. Este velho monge gostava de ficar perto de uma grande árvore em um bosque com muitas águas e árvores com frutas. Ele escolheu esta vida ermitã quando percebeu próxima a morte. Fugiu, portanto, para que o mundo não visse o enfraquecimento de seu corpo, provavelmente para ser lembrado como forte, corajoso e destemido: “[...] fugiu do mundo para que o enfraquecimento de seu corpo, ao qual chegara pela velhice, não lhe desonrasse naquelas coisas que, com sabedoria e ventura ao longo do tempo o haviam honrado tanto” (Lúlio, 2000, p. 3). Junto daquela árvore, o velho cavaleiro pregava todos os dias e agradecia a Deus.

A este ambiente chega um segundo personagem, um jovem aspirante a cavaleiro. Narra o livro que este adormeceu, cansado dos esforços que já havia suportado. Adormecido, seu cavalo misteriosamente cavalga para o bosque, no qual encontra o velho cavaleiro. Costa (2000; 2001) afirma que o conjunto de informações apresentadas, como o bosque, lugar da solidão reflexiva, a árvore, o velho cavaleiro já feito ermitão, sua relação com o escudeiro que é atraído misticamente para o ambiente em sono fazem parte de um conjunto de protocolos comuns às *Demandas do Santo Graal*. Estas são para Souza (2010) e Zierer (2010) toda a ficção literária em torno da figura lendária e mítica do Rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda.

A partir das formulações de Costa (2000; 2001), é possível compreender que Lúlio poderia ter criado este ambiente propositalmente, seguindo as tradições das novelas de cavalaria que dispunham de alta profusão na Península Ibérica e na Europa ocidental em geral. Todos os elementos se organizam em forma de trazer o misticismo da experiência de ser conduzido a um lugar misterioso, com elementos que misturam o real e a fantasia de forma a seduzir o leitor para a história a ser contada.

A percepção da necessidade da educação do cavaleiro: a justificativa para o Livro da Ordem de Cavalaria

Após se encontrarem e se conhecerem, o velho ermitão e o jovem escudeiro conversam. O velho descobre então que este escudeiro se dirige para uma corte na tentativa de ser escolhido cavaleiro. Neste momento, ao descobrir que se trata de um

futuro cavaleiro, de forma saudosista, relembra sua função na cavalaria: “Quando o cavaleiro ouviu falar de Cavalaria e lembrou a Ordem de Cavalaria e o que é pertencente ao cavaleiro, verteu um suspiro e entrou em considerações.” (LÚLIO, 2000, p.7).

Inicia-se, a partir deste momento, uma conversa a respeito da ordem de cavalaria. A conversa não é descrita no prólogo, mas a partir dela Lúlio apresenta que o velho percebe que aquele aspirante não possui nenhum conhecimento a respeito das virtudes e ideais que realmente eram próprios da cavalaria. O escudeiro não sabia por qual motivo a Ordem teria surgido, não sabia a relação da cavalaria com a virtude, a importância de levar a palavra de Deus, nem das relações entre as virtudes e as armas que portava. Em face disso, o ancião preocupou-se em entregar a ele um livro cujo conteúdo explicaria essas questões. Aquele jovem homem que buscava pertencer à ordem de cavalaria não sabia qual era a real função do cavaleiro, seus princípios e os conhecimentos necessários para exercer esta função. Para o velho, havia uma grande importância de carregar virtudes junto às ações que pertencem à cavalaria, além de conhecer profundamente a fé cristã era pré-requisito básico para exercer tal função. Sendo assim, o jovem não poderia almejar tornar-se cavaleiro se não dominasse tais informações:

- Como, filho? – disse o cavaleiro – e tu não sabes qual é a regra e a Ordem de Cavalaria? E como tu podes aspirar à Cavalaria se não tens sapiência da Ordem de Cavalaria? Pois nenhum cavaleiro pode manter a Ordem que não sabe, nem pode amar sua Ordem, se não sabe a Ordem de Cavalaria, nem sabe conhecer as faltas que são contra sua Ordem. Nem nenhum cavaleiro deve armar outro cavaleiro se não conhece a Ordem de Cavalaria, porque desonrado cavaleiro é que faz outro cavaleiro e não sabe lhe mostrar os costumes que pertencem ao cavaleiro. (LÚLIO, 2000, p. 8.)

Essa percepção do velho em relação à ausência de conhecimento sobre a ordem de cavalaria, ou sobre o conhecimento que Lúlio considerava necessário para a atuação na ordem, é a justificativa que Lúlio encontrou para o desenvolvimento de todo o texto. Esse entendimento demandava uma reflexão profunda e consequente tomada de decisão consciente de sua atuação na sociedade e de que seria um modelo de conduta. Esses atributos poderiam caracterizar não só os cavaleiros que estavam a caminho daquele reino, mas personificava todo um conjunto de cavaleiros da época, talvez sua

maioria. Estes, por mais que dotados de elementos físicos e capacidades para realizar trabalhos com o corpo, por mais que conscientes de sua importância e poder, estavam desprovidos das virtudes necessárias para a alma, além de apresentar uma ausência de reflexão acerca de sua responsabilidade perante a sociedade e perante a fé cristã. Para auxiliar na busca por este ideal e explicar como e porque estas virtudes foram necessárias ao princípio da cavalaria e ao ofício de cavaleiro, Lúlio entrega um livro para o escudeiro:

O cavaleiro entregou o livro ao escudeiro; e quando o escudeiro acabou de ler, entendeu que o cavaleiro é um eleito entre mil homens para haver o mais nobre ofício de todos, e tendo então entendido a regra e a Ordem de Cavalaria, pensou consigo um pouco e disse: ‘- Ah, Senhor Deus! Bendito sejas Vós, que me haveis conduzido em lugar e em tempo para que eu tenha conhecimento de Cavalaria, a qual foi longo tempo desejada por mim sem que soubesse a nobreza de sua Ordem bem a honra em que Deus pôs todos aqueles que são da Ordem de Cavalaria (LÚLIO, 2000, p.11).

Ao virar a página, o leitor se surpreende com o primeiro capítulo do *Livro da Ordem de Cavalaria*. Sendo assim, percebe-se que Lúlio faz uso da intertextualidade para justificar a importância de sua obra a respeito da cavalaria. Afinal, o próprio livro que o escudeiro recebe no Prólogo é o livro que o leitor terá a oportunidade de conhecer.

Lúlio sugere que, assim como aquele escudeiro pôde compreender profundamente os princípios, ideais e virtudes pertencentes à ordem de cavalaria por meio da leitura do livro, a entrega do livro ao rei e aos outros cavaleiros - que caracterizava simbolicamente a difusão de seu livro e de seus ensinamentos - poderia auxiliar aos homens na compreensão da necessidade da retomada de valores e ideais que eram próprios da cavalaria cristã que haviam sido paulatinamente perdidos pelos cavaleiros daquela época. O velho pede que o aspirante a cavaleiro leve o livro consigo e mostre-o para o rei e para todos os outros cavaleiros. Vejamos suas palavras:

- Amável filho – disse o cavaleiro – eu estou perto da morte e meus dias não são muitos; ora, como este livro foi feito para retomar a devoção e a lealdade e o ordenamento que o cavaleiro deve ter para manter a sua Ordem, por isso, belo filho, levai este livro à corte aonde ides e mostrai-o a todos aqueles que desejam ser novos cavaleiros. Guardai-o e apreciái-o se amais a Ordem de Cavalaria (LÚLIO, 2000, p.11).

Para o velho, o aspirante a cavaleiro, após lê-lo, poderia compreender a real função do cavaleiro. Esta função era defender a verdadeira fé de Cristo, norteada pelas virtudes para que recuperasse seu ideal. O Livro, ao ser levado pelo aspirante a cavaleiro e entregue para que fosse lido por todos os cavaleiros, poderia, ao mesmo tempo, restituir as virtudes que haviam sido perdidas pela ordem de cavalaria, e revalorizar o cavaleiro perante a sociedade.

Finalmente, ao ser entregue ao rei o Livro, os ensinamentos da ordem de cavalaria estariam, assim como as outras ciências, contidos em um livro e poderiam então restituir o respeito para a Ordem. Após o *Prólogo* que narra a história do encontro entre o velho cavaleiro e o escudeiro aspirante, a obra inicia os capítulos que comporiam o livro a ser entregue ao rei. Seus sete capítulos são norteados pela ideia de que o cavaleiro precisa ter em mente sua função social e ser pautado em todas as suas ações pelas virtudes. Já no *Prólogo* o leitor percebe os propósitos da obra. A cavalaria e o povo cristão se perderam, é preciso trazer o rebanho de volta, iluminá-lo.

Considerações Finais

Cogitamos que a percepção do velho em relação à ausência de conhecimento sobre a ordem de cavalaria, ou sobre o conhecimento que Lúlio considerava necessário para a atuação na ordem, é a justificativa que Lúlio encontrou para o desenvolvimento de todo o texto. Para expor suas considerações a respeito das educação do cavaleiro, Lúlio cria um ambiente que culmina com a importância da teoria a respeito da ordem de cavalaria.

Na narrativa, apresenta-se um jovem, futuro cavaleiro, que busca a cavalaria por funções outras que não as próprias à defesa da fé cristã. Cabe ressaltar que este jovem escudeiro representa toda uma sociedade, para a qual a fé cristã já não possuía mais o mesmo significado de outrora. Da mesma forma, a cruzada já não possuía mais a mesma importância perante a sociedade.

Durante o processo de apresentação dos dois personagens, percebe-se que as pregações deste velho cavaleiro referiam-se à fé Cristã, bem como a conselhos que um

homem com mais idade e experiência de vida poderia passar adiante. Estes conselhos se referem às ‘verdadeiras’ funções da cavalaria, que seriam as funções sob a ótica de Raimundo Lúlio. Percebemos, em suas palavras, as características que Lúlio considerava importantes para o exercício de uma função que, para ele, só podia ser exercida de acordo com os preceitos da fé cristã.

Sendo assim, esta pequena narrativa, justificaria então a obra, uma vez que ela seria composta de todas as informações que aquele jovem escudeiro precisaria saber. Da mesma forma, era todo o conjunto de informações que Lúlio considerava importante para que a sociedade cavaleiresca e a sociedade como um todo dominasse. Consideramos, portanto, que o *Prólogo do Livro da Ordem de Cavalaria* seria uma tentativa de criação de um ambiente favorável à educação, por meio de uma justificativa narrativa.

Referências

COSTA, Ricardo da. **O Livro da Ordem de Cavalaria**. Tradução, notas, prefácio, autor e obra, cronologia de obras. São Paulo: Giordano, Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2000.

COSTA, Ricardo da. Ramon Llull (1232-1316) e o modelo cavaleiresco ibérico: o Libro del Orden de Caballería. In: **Revista Mediaevalia**. Textos e Estudos 11-12, p. 231-252. Gabinete de Filosofia Medieval da Faculdade de Letras do Porto e Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa: Porto, 1997.

ECO, Umberto. **A busca da língua perfeita**. Tradução de Antonio Angonese. Bauru: Edusc, 2001.

FLORI, Jean. **A Cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da idade média**. Tradução de Eni Tenório dos Santos. São Paulo: Madras, 2005.

LÚLIO, Raimundo. **O livro da Ordem de Cavalaria**. 1272 – 1283. Trad. Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2000.

LLULL, Ramon. **Vida Coetania**. Tradução: Prof. Ricardo da Costa Revisão: Prof. Dr. Alexander Fidora (Johann Wolfgang Goethe-Universität, Frankfurt am Main) Supervisão: Prof. Dr. Fernando Domínguez Reboiras (Raimundus-Lullus-Institut, Albert-Ludwigs-Universität). Freiburg im Breisgau, 1999.

OLIVEIRA, Terezinha. Os mendicantes e o ensino na universidade medieval: Boaventura e Tomás de Aquino **Associação Nacional de História** – ANPUH XXIV Simpósio Nacional De História, 2007.

REBOIRAS, F. Dominguez. Idea y estructura de *La Vita Raymundi Lulii*. **Revista de Estudios Lulianos**, Revista cuatrimestral de Investigación Luliana y Medievalística. Palma de Mallorca: Maioricencis Schola Lulística n. 27, p. 1-20, 1987.

ROUSSET, Paul. **História das cruzadas**. Trad. Roberto Cortes de Lacerda [Histoire des croisades. Paris, Payot, 1978]. Rio, Zahar, 1980.

SOLER I LLOPART, Albert. **Literatura catalana medieval**. Barcelona: UOC, 2003.

SOUZA, Neila Matias de. A demanda do Santo Graal e o melhor dos melhores cavaleiros do mundo. In: ZIERER, Adriana (org), SOUZA, Neila, GOMES, Flavia Santos (colab). **Uma viagem pela Idade Média: estudos interdisciplinares**. São Luís: Editora UEMA, p.247-262, 2010.

ZIERER, Adriana. As mudanças nas Imagens do Mítico Artur: de Dux Bellorum a rei Cristão nas Visões de Nennius e Geoffrey de Monmouth. In: ZIERER, Adriana (org), SOUZA, Neila, GOMES, Flavia Santos (colab). **Uma viagem pela Idade Média: estudos interdisciplinares**. São Luís: Editora UEMA, p.19 – 34, 2010.

ZIERER, Adriana. O modelo Pedagógico de Cavaleiro segundo Ramon Llull. In: OLIVEIRA, T. e MACHADO, M. C. G.(org). **Educação na História**. São Luiz, MA. Editora UEMA, 2008.